

EIXO 4: PROPOSIÇÃO

**CONCURSOS DE ARQUITETURA:
MÉTODO E INOVAÇÃO NOS CONCURSOS EUROSPAN**

Msc. Julia Spinelli

Rua Itacema 199, apto 111, Itaim Bibi, 04530-050, São Paulo – SP; spinelli@fec.unicamp.br

Prof. Dr. Leandro Medrano

Rua Eugênio Betarello 55, apto 24-A, Jd. Guedala, 05616-090, São Paulo – SP; medrano@fec.unicamp.br

RESUMO:

Concursos de arquitetura têm sido cada vez mais divulgados e reconhecidos em todo o mundo. O aumento do número de realizações de concursos e da construção dos projetos, em especial na Europa e nos Estados Unidos, revela o potencial de construção e reconstrução do pensamento arquitetônico e da idéia de cidade, além de apresentar novas tecnologias e materiais. Tais competições podem, também, ser utilizadas como instrumentos de discussão, desenvolvimento e educação da arquitetura. Em países onde os concursos foram institucionalizados há algum tempo, pode-se perceber um amadurecimento da arquitetura nacional e uma compreensão maior do espaço de intervenção na cidade. Surgidos em 1988, os concursos European estimulam a discussão arquitetônica e urbana a respeito dos novos modos de morar e das novas formas de urbanidade. Sua relevância se deve, sobretudo, à sua inovação e à grande porcentagem de projetos construídos, contribuindo para a evolução e a disseminação das idéias ali apresentadas. Desde a primeira versão do concurso foram construídos mais de 180 projetos, distribuídos em 12 países. Apesar de não suprir a demanda significativa de moradias, o European estimula, de maneira turbilhonar, o debate sobre as cidades européias, suas áreas urbanas consolidadas e a qualidade das habitações coletivas. Este artigo procura esclarecer os métodos de desenvolvimento do concurso e, desse modo, propor novas ideias para a elaboração de concursos de arquitetura, entendidos como instrumentos de ensino e pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Concursos de Arquitetura; Habitação Coletiva; Metodologia de Projeto.

ABSTRACT

Architectural competitions have been more divulged and respected worldwide. The increasing number of those competitions and of the construction of the winner's designs reveals, especially in Europe and in the United States, the power of reconstructing the architectural concepts and the idea of city; and it also often presents new technologies and materials. The contests can also be used as instruments for discussing the development and knowledge in and about architecture. In countries where the architectural competitions were institutionalized one can notice the improvement of national architecture, as well as a better comprehension of the city and its spaces. The European competitions, which emerged in 1988, encourage architectural and urban discussion about the new ways of living and new forms of urbanity. Its relevance is mainly due to its innovation and high percentage of projects constructed, contributing to the development and dissemination of the ideas presented there. Since its first version, European has brought up to 180 projects built all over 12 countries in Europe. Though it does not supply the large demand on housing, it stimulates the discussion about European cities, their urban areas and the quality of collective and social housing. This paper intends to present the developing methods of the European competitions and, through that, suggest new ideas for architectural competitions – understood as instruments for education and research.

KEYWORDS

Architectural Competitions; Collective Housing; Project Method.

RESUMEN

Concursos de arquitectura han sido cada vez mas divulgados y reconocidos en todo el mundo. El crecimiento de la cantidad de realizaciones de concursos y de la edificación de proyectos, especialmente en Europa e EUA, han revelado el potencial de construcción y reconstrucción del pensamiento arquitectónico y la idea de ciudad, además de presentar nuevas tecnologías y materiales. Estas competiciones suelen, también, fomentar la discusión, desarrollo y educación de la arquitectura. En países donde los concursos fueran institucionalizados hace tiempos, se puede percibir un gran perfeccionamiento de la su arquitectura y una mejor comprensión del espacio de intervención el la ciudad. Iniciados en 1988, los concursos European estimulan la discusión de la arquitectura y del urbanismo relacionados a los nuevos modelos de vivir y de las nuevas formas de urbanidad. Su importancia es debida, sobretodo, a la innovación y la diseminación de las ideas presentadas. Desde la primera versión del concurso fueron construidos mas de 180 proyectos, repartidos por 12 países. Aun que no sea capaz de suplantar la gran demanda por viviendas , el European estimula, de modo singular, el debate acerca de las ciudades europeas, sus sitios urbanos consolidados y la calidad de las viviendas colectivas. Este articulo propone aclarar los métodos de desarrollo del concurso y, de este modo, proponer nuevas ideas para la elaboración de concursos de arquitectura, entendidos como herramienta de enseñanza y pesquisa.

PALABRAS-LLAVE

Concursos de Arquitectura; Habitación Colectiva; Metodología de Proyecto.

CONCURSOS DE ARQUITETURA

Concursos de arquitetura têm sido cada vez mais divulgados e reconhecidos em todo o mundo. O aumento do número de realizações de concursos e da construção dos projetos, em especial na Europa e nos Estados Unidos, revela o potencial de construção e reconstrução do pensamento arquitetônico e da idéia de cidade, além de apresentar novas tecnologias e materiais. Ao realizar um projeto para um concurso, o arquiteto (ou a equipe) está necessariamente estimulado pela discussão contemporânea, motivado por seja qual for o objeto do concurso e, também, pela própria consagração de seu papel na profissão e do papel dela na sociedade.

A possibilidade de inovação e de proposição é maior em concursos públicos de arquitetura (SANTOS, 2002). Isso se dá pois, em geral, há menos limitações na criação dos projetos e não há relação com clientes (embora não se possa dizer que não haja clientes). Além disso, a própria proposição de um concurso público normalmente vem agregada a uma expectativa maior quanto à escolha de um projeto que apresente alguma “novidade” entre os competidores; enfim, seguindo-se critérios definidos de avaliação, é possível, de fato, escolher-se o mesmo projeto.

Outro destaque relativo ao tema é o fato de que a realização de competições de projetos provoca, obrigatoriamente, a discussão atualizada das necessidades das cidades contemporâneas e do avanço da arquitetura, quaisquer que sejam os temas e programas apresentados. Concursos públicos permitem também a participação tanto de arquitetos experientes quanto daqueles recém-formados, colocados sob um mesmo critério de julgamento (o anonimato).

Os concursos públicos são meios democráticos de participação na construção (ou idealização) da cidade, por arquitetos ou outros profissionais (SANTOS, 2002). A participação de equipes multidisciplinares é comum e, por vezes, estimulada nos editais. O julgamento de projetos anônimos (previamente à revelação de seus autores) busca garantir a igualdade entre arquitetos de diferentes áreas, graus de experiência e idades.

A União Internacional dos Arquitetos (UIA) apóia a realização de concursos, pois, segundo ela, os profissionais seriam capazes de: responder a novas necessidades; valorizar temas negligenciados; suscitar o interesse coletivo pelo tema-objeto; estimular pesquisas e o progresso da criatividade; enfatizar o papel da arquitetura e seu papel na sociedade, entre outros (UIA).

Segundo Santos (2002), tais competições podem, também, ser utilizadas como instrumentos de discussão, desenvolvimento e educação da arquitetura. Em países onde os concursos foram

institucionalizados há algum tempo, pode-se perceber um amadurecimento da arquitetura nacional e uma compreensão maior do espaço de intervenção na cidade. Na França, por exemplo, a obrigatoriedade da realização de concursos para projetos públicos, institucionais ou governamentais, a partir dos anos 1980, garantiu o estímulo à participação de arquitetos na construção das cidades. Desse modo, também alavancou o crescimento da arquitetura nacional, que passou a ganhar maior importância dentro do país e obteve reconhecimento internacional. A iniciativa desencadeou a criação de uma lei que regulamenta os processos de escolha de projetos públicos¹. Nesse contexto, a profissão de arquiteto e urbanista ganhou outra dimensão e respeito. No Brasil, o concurso de arquitetura, como modalidade de licitação para edifícios públicos, foi outorgada em 1993, com a lei federal 8.666.

O CONCURSO EUROSPAN

Surgidos em 1988, os concursos Eurospan estimulam a discussão arquitetônica e urbana a respeito dos novos modos de morar e das novas formas de urbanidade. Sua relevância se deve, sobretudo, à sua inovação e à grande porcentagem de projetos construídos, contribuindo para a evolução e a disseminação das idéias ali apresentadas. Seu objetivo principal é trazer a inovação para a arquitetura, ainda que de início num âmbito predominantemente europeu. Embora exista há pouco menos de duas décadas, o concurso já acumulou um histórico que permite analisar a qualidade dos projetos e as idéias bastante arrojadas que os presidiram, especialmente em momentos precisos da arquitetura contemporânea, como veremos a seguir.

HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DO CONCURSO

O primeiro concurso Eurospan, realizado em 1989, foi o resultado da ampliação, para toda a Europa, dos concursos PAN, franceses, promovidos pelo Instituto Nacional de Arquitetura da França e voltados para jovens arquitetos. Os PANs (*Programme d'Architecture Nouvelle*) tinham como princípio promover o debate de arquitetura e urbanismo no país através da implementação de arquiteturas inovadoras por uma geração de arquitetos jovens. Tais concursos emergiram das críticas à moradia estandardizada do movimento moderno e, portanto, buscavam alternativas para os novos modos de morar (PUCA, 2000?). Ainda que suas idéias e anseios estivessem voltados especificamente para questões de projetos de arquitetura, centrados nas tipologias dos alojamentos, os concursos PAN apresentavam-se como vanguarda na discussão arquitetônica que contestava os resultados do longo domínio do ideário da arquitetura moderna nas cidades européias, no período que já trazia publicações paradigmáticas como *Morte e vida de grandes cidades* (JACOBS, 1961), *A arquitetura da cidade* (ROSSI, 1966) e *Aprendendo com Las Vegas* (VENTURI; BROWN, 1977).

¹ Desse período, destacam-se os projetos para o Parc La Villette (1982) e para o bairro La Défense (1983) (SANTOS, 2002).

Ao tornar-se europeu, o concurso foi expandindo gradualmente seus objetivos (antes voltados para as tipologias e as edificações) até atingir o desenho da cidade; hoje, coloca-se à frente de questões espaciais que envolvem tanto o projeto arquitetônico quanto o projeto urbano. Seus temas são baseados em demandas da cidade contemporânea tais como: habitat, espaços públicos, espaços de trabalho, mobilidade e acessibilidade, sustentabilidade etc.

Tabela 1 – Temáticas e datas dos concursos PAN e EUROPAN
 (Fonte: autores)

PAN		
1	1972	[sem tema]
2	1972	[sem tema]
3	1973	[sem tema]
4	1973	[sem tema]
5	1974	Habitat na cidade média
6	1974	Habitat de turismo social
7	1975	[sem tema]
8	1976	[sem tema]
9	1977	Melhoria dos grandes conjuntos
10	1978	[sem tema]
11	1980	Franjas de cidades
12	1982	Do alojamento aos equipamentos de bairro
13	1984	Construir o subúrbio
14	1987	O alojamento em questão
EUROPAN		
1	1988-1989	Evolução dos modos de vida e arquitetura do alojamento
2	1990-1992	Habitar a cidade: Requalificação de espaços urbanos
3	1993-1995	Em casa na cidade: Urbanizando áreas residenciais
4	1995-1997	Construir a cidade sobre a cidade: Transformação de sítios urbanos contemporâneos
5	1998-1999	Novas paisagens do habitat: Deslocamentos e proximidades
6	1999-2001	Entre cidades: Dinâmicas arquitetônicas e novas urbanidades
7	2003-2004	O desafio suburbano: Intensidade urbana e diversidade habitacional
8	2005-2006	Urbanidade europeia: Projetos estratégicos
9	2007-2008	Urbanidade europeia: Cidades sustentáveis e novos espaços públicos

SOBRE A ORGANIZAÇÃO

A Federação European, responsável pela organização e coordenação do concurso, é composta por representantes dos diversos países participantes. Em 1988, nove países formavam a equipe da

federação; hoje, esse número chega a 22 países participantes². Há também países associados que se incluem no European³. A Federação é também responsável pela viabilização do concurso a cada dois anos e para tal conta com o auxílio das organizações nacionais. A equipe trabalha por meio de assembléias que decidem aspectos gerais do concurso, como: tema, orçamentos, financiamentos e quadro de atividades. Com exceção do tema – abertamente discutido nas assembléias que incluem todos os interessados em participar do concurso, sejam países participantes ou associados –, cada um daqueles itens volta ao debate nos comitês nacionais do concurso.

Os terrenos a serem disponibilizados para o concurso são indicados em assembléias nacionais e as indicações devem ser aprovadas pelos comitês nacional e internacional. A escolha dos locais é apresentada em justificativa relacionada ao tema escolhido para cada versão do concurso. São ainda indicadas empresas para financiar e comandar a construção dos projetos, aumentando assim as possibilidades de se estabelecerem acordos para a execução das propostas vencedoras. Apesar de essa ser a situação ideal (um financiamento garantido já previamente ao concurso), ela não é obrigatória para a aprovação dos terrenos apresentados (REBOIR, 2006?, p. 12).

Antes do lançamento do concurso, realizam-se palestras e debates acerca do tema sugerido e dos locais indicados para intervenção. A partir dessas discussões, promovidas pela organização do European e abertas ao público em geral, os comitês nacionais estabelecem programas para cada local e a classificação deles em subtemas. Os objetivos de tais eventos são auxiliar a formação de extensa base teórica e conceitual para a finalização da parte organizacional do concurso e permitir que os participantes possuam um conhecimento aprofundado (e comum a todos) sobre o local de intervenção. Desse modo, espera-se garantir a melhora, a cada concurso, das propostas apresentadas pelas equipes.

COMPOSIÇÃO DO JÚRI

A estrutura do júri, idêntica para todos os países, é estabelecida pela organização geral do European (EUROPAN, 2007). A escolha dos membros, porém, é feita nacionalmente e deve ser aprovada pela comissão internacional. De acordo com a última versão do concurso (European 9), o júri compõe-se de onze membros titulares e dois suplentes, assim constituído:

- três representantes dos clientes ou empresas envolvidos em cidades distintas daquelas em que serão jurados;

² Os países participantes são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Irlanda, Letônia, Noruega, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Suécia, Suíça (EUROPAN-EUROPE, 2007).

³ Países associados são aqueles que, embora cedam terrenos de acordo com a proposta do concurso, não fazem parte do comitê de organização do European. Em geral, são países que ainda não têm grande frequência de participação, mas que posteriormente podem se tornar parte do comitê. São exemplos: Áustria, Hungria e Bulgária. (N.A.)

- quatro arquitetos;
- duas personalidades da profissão;
- um representante governamental ou autoridade representativa;
- um delegado, que deve ser estrangeiro e é responsável pela explicação do tema do concurso aos demais jurados e pela garantia de aplicação das regras comuns do European;
- dois suplentes, sendo ao menos um arquiteto.

Dos primeiros nove membros, devem ser estrangeiros três deles e, desses, dois arquitetos⁴. Ao corpo de jurados é permitida a consulta, durante a avaliação do local e julgamento dos trabalhos, a representantes municipais, esses sem direito a voto (EUROPAN, 2007). O júri é constituído concomitantemente com a fase de organização do concurso e deve ser divulgado ao público junto com o lançamento oficial do European.

INSCRIÇÕES

Permite-se a inscrição de arquitetos de até 40 anos, com apresentação de documentação comprobatória no momento da inscrição. A exigência, que limita a participação dos arquitetos apenas àqueles mais jovens, muitas vezes recém-formados, deve-se à intenção de estimular a produção de trabalhos inovadores e inusitados, além de estabelecer uma base conceitual que poderá evoluir ao longo dos anos (VOS, 1996; IBELINGS; KOEKEBAKKER, 2006).

No último regulamento apresentado (European 9) não foram especificadas restrições quanto à nacionalidade dos participantes, apesar de terem sido encontrados artigos que informavam que só poderiam participar arquitetos nascidos ou residentes na Europa (LOBOS, 2002?, p. 44). Contudo, era necessário que o representante da equipe estivesse regulamentado de acordo com as leis do local para o qual desejava inscrever-se, no caso de sua proposta ser premiada e haver a possibilidade de execução. A composição das equipes poderia ser interdisciplinar, e havia ainda a possibilidade de se inscreverem membros co-autores. Em colaboração com as equipes profissionais, permitia-se a participação de estudantes – que, porém, não poderiam ser apresentados como co-autores do projeto.

⁴ É comum, neste caso, a indicação de arquitetos previamente premiados em concursos European, como Pierre Gautier (escritório Concko & Gautier, premiado no European 2), Hrvoje Njiric (Njiric+Njiric, premiado no European 4), Eduardo Arroyo (No.Mad, premiado no European 5) etc. (N. A.).



Fig. 1 – Conjunto habitacional S-30, em Sevilha, Espanha, premiado em 1996 (European 4) e construído em 1998.
(Foto: Júlia Spinelli)

IDENTIFICAÇÃO DOS EDITAIS, REGULAMENTOS, RESULTADOS

MATERIAL ENTREGUE AOS PARTICIPANTES

As informações sobre os locais de intervenção e os programas a serem adotados são organizadas pelos comitês nacionais do European e disponibilizadas aos participantes via internet. Ao se inscrever para o concurso, o responsável pela equipe recebe uma senha, por meio da qual poderá acessar na rede os documentos para serem baixados, específicos para cada sítio. Os dados fornecidos se referem à área de estudos (para a qual a equipe deve realizar um plano de desenvolvimento urbano) e ao local de intervenção (onde deve ser feito o projeto de edificações). Na 9ª versão do European (EUROPAN, 2007), por exemplo, foram fornecidos os seguintes documentos:

1. Documentos iconográficos de alta qualidade:

- 1 planta da cidade ou conurbação (escala gráfica), identificando a área de estudo;
- 1 foto aérea identificando a área de estudo e o local de intervenção;
- 1 foto aérea angulada da área de estudo;
- 1 foto aérea angulada do local de intervenção;
- 1 planta da área de estudos (escala gráfica);
- 1 planta do local de intervenção (escala gráfica);
- 3 a 6 fotos da área de estudos, apresentando as características do local (topografia, paisagem, edificações existentes etc.).

2. Dados:

- população da cidade e da conurbação, nome da cidade, área total dos locais de estudo e de intervenção;

- questões a serem consideradas, elaboradas pelo comitê European: objetivos específicos, transportes, sustentabilidade, multifuncionalidade, espaços públicos etc;
- a cidade em relação à conurbação e ao país, políticas nacionais e políticas municipais;
- dados sobre a área de estudos: descrição, papel da área em relação às políticas municipais, intenções programáticas (sistema de transportes, espaços públicos e privados, construções novas e/ou requalificações/reciclagens, sugestões de função e áreas construídas);
- dados sobre o local de intervenção: descrição, papel do local no projeto urbano, relação com políticas municipais, características do terreno quanto ao solo (topografia, divisão fundiária, vias de transporte, vegetação etc.), estado dos edifícios existentes, lista de edificações e recursos naturais a preservar, intenções programáticas (espaços de construção e regeneração, sugestões de função e áreas construídas).

3. Conjunto de documentos sobre o local:

- conurbação:
 - 1 foto aérea da cidade;
 - 1 mapa de escala regional ou escala urbana (escala gráfica – 1: 50.000 ou 1:20.000), destacando as características principais (edificações, redes de infra-estrutura e recursos naturais);
 - análise escrita detalhada do contexto urbano e territorial e o papel da cidade em relação às políticas nacionais e municipais;
- área de estudo:
 - 1 foto aérea da área de estudos;
 - ao menos 1 foto semi-aérea da área de intervenção;
 - ao menos 5 fotos simples revelando as características do local;
 - plantas da área de estudo (escalas entre 1:10.000 e 1:5.000);
 - descrição escrita detalhada da área de estudo;
 - análise detalhada do contexto urbano da área de estudos: papel da área em relação às políticas urbanas municipais e as diretrizes de desenvolvimento previstas para o local;
 - relação de programas de necessidades;
- local de intervenção:
 - ao menos 3 fotos semi-aéreas do local;
 - ao menos 10 fotos revelando as características do local;
 - plantas do local (escalas entre 1:5000 e 1:2000), destacando o local de intervenção;

- plantas do local (escalas entre 1:1000 e 1:500), revelando os parcelamentos de solo, construções existentes, vegetação etc;
- descrição das características do terreno;
- descrição escrita da situação fundiária do terreno;
- descrição escrita dos programas a serem implementados.

Nota-se a exigência de apresentar grande quantidade de dados sobre a cidade e suas áreas envoltórias. Isso se dá pelo fato de o concurso ter atingido dimensões mais urbanas em suas últimas versões. Desse modo, esperam-se projetos que tenham forte relação com a cidade, com menor detalhamento em suas edificações. Explica-se a importância da escala urbana sobretudo pela atenção que se tem dedicado aos centros urbanos e às áreas consolidadas de maneira geral, como vimos anteriormente. Os dados abrangem, além de questões físicas e geológicas, questões sociais e geográficas, possibilitando a compreensão mais adequada do espaço geográfico. Assim, os concursos European apresentam aos participantes questões atualizadas, com alto grau de discussão e uma diversidade de dados que permitem a elaboração de projetos como se esperam, isto é, “inovadores” e “inusitados”.

ENTREGA DE TRABALHOS

A apresentação de projetos é feita através de 3 pranchas, tamanho A1 (594mm x 840mm), que devem conter, obrigatoriamente, explicações do projeto urbano desenvolvido para o entorno e para a cidade (prancha 1) e descrição do projeto específico para o local (pranchas 2 e 3). A autoria do projeto deve ser preservada, como é comum em concursos de arquitetura, e os nomes dos autores devem ser entregues em envelopes lacrados que só serão abertos ao final das atividades de julgamento. Devem ainda ser entregues um CD-ROM com a cópia do projeto para impressão e divulgação na internet e um resumo das questões abordadas pelo grupo e dos conceitos relacionados ao projeto.

JULGAMENTO

Os trabalhos de julgamento têm início antes da entrega das propostas pelos participantes. Assim, o longo tempo disponível possibilita maior discussão sobre os locais de intervenção e a seleção mais precisa dos projetos. Além do corpo de jurados, há também um comitê científico que prepara os trabalhos a serem avaliados, verificando se todos estão de acordo com o regulamento do concurso.

Inicialmente, a comissão julgadora realiza uma leitura do local de intervenção e da área de estudo, apresentando na primeira de três atas o que considera relevante dentre suas características sociais, morfológicas, urbanas etc. Os jurados fazem visitas técnicas e têm acesso a dados do terreno e do entorno (EUROPAN NEDERLAND), em geral fornecidos pelas municipalidades. Em seguida, são

iniciados os trabalhos de julgamento das propostas apresentadas, seguindo as prioridades estabelecidas pelo comitê internacional do European (vide tabela III).

A primeira fase do julgamento é caracterizada pela avaliação das bases conceituais e teóricas de cada projeto. Analisa-se principalmente o grau de inovação arquitetônica e urbanística, priorizando-se as novas proposições acerca de legislação e instrumentos urbanísticos, volumetrias, entre outros. Essa etapa é fundamental para assegurar ao concurso seu esperado e fomentado caráter inovador. Ao final dela, são selecionados cerca de 20% do total de projetos entregues.

Na segunda fase de julgamento são analisadas as características relacionadas ao entorno e a relevância e a viabilidade das propostas. Novamente são levados em conta os aspectos de inovação e a proposição de novos programas pelas equipes. Avaliam-se também qualidades técnicas que são consideradas com relação à viabilidade do projeto, e não com relação à exeqüibilidade da proposta no que se refere à legislação urbana.

Ao final do processo, o júri aponta os vencedores para cada região. Podem também ser concedidas menções honrosas, tantas quantas o corpo de jurados achar necessárias. É possível ainda que não sejam apontados vencedores – os jurados podem não encontrar proposta pertinente ao local e selecionar apenas menções honrosas (EUROPAN EUROPE).

Tabela 2 – Critérios de avaliação – Concurso European
(Fonte: autor)

PRIMEIRA FASE
1. Conceito
2. Grau de inovação
SEGUNDA FASE
1. Relação conceito / contexto
2. Relevância das questões propostas
3. Relevância do programa proposto
4. Estudo da área
5. Potencial para integrar um processo urbano complexo
6. Caráter inovador dos espaços públicos propostos
7. Conexão entre habitação e outras atividades / usos
8. Viabilidade sócio-econômica
9. Qualidades técnicas

IMPLEMENTAÇÕES

A premiação no concurso European não implica a execução do projeto proposto. Isso porque, nos regulamentos do concurso, prêmio e contratação dos arquitetos não estão articulados. A organização European, no entanto, predispõe-se a buscar os auxílios necessários à evolução e à construção dos

projetos vencedores, sem garanti-las porém. Diante disso, o desenvolvimento das negociações se processa em etapas, organizadas inicialmente pelo concurso e posteriormente conduzidas pelas municipalidades.

No intuito de tornar possíveis os acordos para a negociação da implementação dos projetos vencedores, os comitês nacionais do European organizam *workshops* com os arquitetos premiados, bem como com representantes dos municípios (locais de intervenção) e representantes de possíveis construtores/financiadores (empresas públicas ou privadas). Depois de estabelecidos os contratos, o projeto é desenvolvido. As equipes premiadas apresentam suas propostas urbanas para as prefeituras municipais, iniciando debates acerca do local e das legislações urbanas existentes.



Fig. 2 – Projeto premiado no European 4 para Osdorp, Amsterdã (Holanda), de autoria do escritório Arons em Gellau.
(Foto: Julia Spinelli)

Essa primeira etapa de projeto é essencial para a realização dos objetivos do concurso: o European busca, através dos projetos premiados, discutir as questões urbanas existentes e apresentar novas propostas aos cidadãos e aos arquitetos. Por isso, espera-se dos participantes postura crítica em relação às questões urbanas, distanciando-se da mera aceitação das normativas locais – nesse sentido, os eventos de discussão anteriores ao lançamento do concurso são de grande relevância. Durante a escolha dos premiados, o júri tem preferência por projetos e equipes que sejam capazes de negociar novas proposições – sobre legislação, programa ou novas configurações de espaços públicos –, o que também é uma forma de selecionar arquitetos capazes de fomentar a discussão arquitetônica num sentido mais inovador.

Em seguida, os projetos são desenvolvidos junto às empresas construtoras, públicas ou privadas, com as quais serão negociados os terrenos, a implantação da totalidade da proposta e as modificações sugeridas para o entorno. Nessa etapa são definidos quais elementos do projeto serão efetivamente construídos, se eles devem ter alguma modificação técnica e se o orçamento previsto está de acordo com a proposta apresentada.

Devido às inúmeras negociações entre os arquitetos e os representantes das empresas e municípios, é comum que os projetos sofram diversas alterações durante seus desenvolvimentos. Podem ser modificados também os locais de intervenção, uma vez que nem sempre está garantida, antes do término do concurso, a posse do terreno ou a execução do projeto vencedor. Em alguns casos, os projetos mudaram radicalmente de local – ou de cidade ou mesmo de país. Nesses casos, a equipe vencedora deve desenvolver outra proposta para a nova área disponível⁵. Tal situação, porém, não é a norma da maior parte das implementações. Em sua maioria, os projetos são pouco modificados com relação ao que foi apresentado no concurso; grande parte das alterações se dá devido a concessões de terrenos ou disponibilidade dos construtores para realizar a proposta por completo.

* * *

Desde o primeiro European foram construídos mais de 180 projetos, distribuídos em 12 países. No entanto, o concurso ainda não logrou atingir plenamente seus objetivos, segundo Meggelen (2006, p. 4-7). Apesar do aumento do número de clientes interessados em construir – ou do maior estímulo de agentes imobiliários ligados à construção de moradias –, as realizações não conseguiram atingir grande rede internacional. A inovação da arquitetura é um projeto de longo prazo e, num contexto internacional, ainda mais trabalhoso. No entanto, o concurso é visto como grande oportunidade para jovens arquitetos, pois, além de ser um laboratório de experimentações, tem o potencial de colocá-los em evidência. Diversos escritórios/arquitetos, hoje conhecidos como a nova geração da arquitetura europeia, ganharam prestígio a partir de premiações European, como, por exemplo: NL Architects, MVRDV, S333, Njiric+Njiric, VMX, Concko & Gautier, Arons & Gelauff, entre outros. Portanto, apesar de não suprir a demanda significativa de moradias (e não se espera que suas construções supram-na, dado inclusive que se trata de uma quantidade muito considerável), o concurso estimula, de maneira turbilhonar, o debate sobre as cidades europeias, suas áreas urbanas consolidadas e a qualidade das habitações coletivas.

⁵ Mesmo que o projeto vencedor não seja executado, o comitê do European decide manter a equipe premiada para que ela elabore nova proposta, em vez de realizar outro concurso. O comitê esclarece seus critérios de julgamento, que são direcionados à inovação proposta e à capacidade de negociação das equipes. Desse modo, ao premiar um projeto, considera-se a aptidão da equipe no debate arquitetônico e urbano, sendo, portanto, descartada a necessidade de novo concurso caso não possa ocorrer a implementação do projeto vitorioso (N. A.).



Fig. 3 – Mapa da Europa: em vermelho, os locais das implementações do European até 2003.
(Mapa: desenho da autora a partir de REBOIR; BONNAT, 2006?)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar, nos concursos European, que as complexas estrutura e organização garantem, ou ao menos auxiliam, melhor qualidade dos projetos apresentados. Consequentemente, os projetos vencedores conquistam maior confiança por parte dos executores, terminando em um maior número de projetos construídos. Tentaremos, a seguir, esclarecer algumas questões, relativas aos concursos de arquitetura European, que podem auxiliar na elaboração de concursos futuros.

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

A concepção, a organização e o desenvolvimento dos concursos de arquitetura têm papel decisivo em seus resultados. Essa afirmação é clara quando analisamos os resultados das experiências européias (European) – as características formais, tecnológicas, urbanas e conceituais são visivelmente complexas. O comitê do European promove um processo de acumulação por dois anos a cada versão do concurso – além da acumulação provocada, obviamente, pelos vários anos em atividade (desde 1972, se considerarmos os primeiros PANs franceses). Tal processo de acumulação é fundamental ao aperfeiçoamento de questionamentos e proposições, sejam elas sociais, urbanas, arquitetônicas, formais ou tecnológicas. Os debates promovidos pelo comitê European buscam contemplar o maior número possível de temáticas contemporâneas, estimulando os arquitetos jovens a compreenderem as cidades a partir do momento presente – sua morfologia, os processos de construção, as dinâmicas de transformação etc. As discussões, levadas quase à exaustão, deixam claras as intenções do concurso de estimular inovações arquitetônicas e urbanas – daí a possibilidade de propor normativas, por exemplo.

DISPONIBILIDADE DE INFORMAÇÕES E DADOS

A quantidade, a qualidade e o tipo de informações disponibilizados a respeito das intenções e do local de intervenção também são questões importantes nesses concursos. Os concursos European reúnem dados abundantes sobre morfologia; normas urbanas; topografia; programas; políticas públicas; população; situação física dos edifícios do entorno, situação urbana etc. Eles estimulam, portanto, uma visão da área de intervenção que vai além da construção dos edifícios.

Porém, o olhar atento ao entorno não se dá apenas pelo fornecimento de materiais informativos. O concurso, como vimos, pede, além do projeto da edificação propriamente dita, um estudo de uma região maior, que compreende uma determinada área perimetral a partir do objeto central (edifício habitacional). Com isso, é inevitável que as equipes participantes se posicionem diante do entorno, e a necessidade de tal posicionamento torna-se clara durante as palestras e visitas ao local promovidas pelo comitê organizador.

PRAZOS

O prazo para o desenvolvimento e a apresentação dos projetos também pode ser um fator determinante da qualidade dos resultados dos concursos. O concurso European, além de iniciar o debate aberto com possíveis participantes antes mesmo do lançamento do concurso (para conscientização geral e definição da temática a ser abordada), dá às equipes inscritas pouco mais de seis meses para a realização do projeto. Os resultados demonstram que o tempo prolongado auxilia na sua elaboração, de maior complexidade, além de detalhamento mais apurado. Ainda, o prazo permite que se evitem situações não desejáveis de projeto, ou mesmo uma apresentação mais completa e clara. Enfim, há a oportunidade de revisão que se torna indispensável ao sucesso do projeto.

COMPOSIÇÃO DO JÚRI E PROCESSO DE JULGAMENTO

Assim como os prazos para o desenvolvimento de projeto podem ser responsáveis por determinadas escolhas de desenho, o julgamento das propostas também têm consequências no resultado final de um concurso – a começar pela composição do corpo de jurados. O European obrigatoriamente organiza um júri numeroso, complexo, internacional, composto por profissionais com diferentes experiências e por representantes de diferentes organizações, de inquestionável expressividade. Ainda, o fato de o corpo de jurados do European possuir, em geral, um arquiteto vencedor do mesmo concurso em anos anteriores, prova que as intenções da organização são de buscar, cada vez mais, a renovação da profissão e da cidade.

Além disso, o longo processo de julgamento ao qual são submetidos os projetos possibilita que a escolha dos vencedores resulte de discussões consistentes. O júri, além de participar das mesmas palestras e debates oferecidos aos participantes, inicia o processo com visitas ao local e elaboração de pareceres. As diversas etapas de julgamento se seguem com várias reuniões do corpo de jurados, e a seleção final é publicada cerca de seis meses após a data de entrega dos projetos

A CONSTRUÇÃO DOS PROJETOS PREMIADOS

É claro que a construção de projetos arquitetônicos e urbanos de qualidade pode renovar conceitos e espalhar idéias novas ou, ao menos, promover discussões a respeito do tema. Nesse sentido, a grande proporção de projetos construídos resultantes do concurso European contribui decisivamente para isso. Dessa forma, o potencial dos concursos de arquitetura de criarem novos paradigmas a respeito do desenvolvimento de projetos urbanos ou arquitetônicos, além dos fatores tecnológicos e ambientais, é fortalecido.

Talvez seja esta uma das razões pelas quais os projetos resultantes do European vêm acompanhados de novas idéias e experimentações, que se distanciam de tradicionalismos ou traços estilísticos já consagrados, apresentando, assim, a verdadeira renovação esperada e intencionada pelo concurso.

Tabela 3– Tabela European
(Fonte: autores)

	European
Palestras e eventos	Diversas palestras, debates e visitas são programadas pela Federação European e pelas organizações nacionais do concurso
Organização do concurso	Federação European, composto por representantes dos mais de 20 países participantes
Inscrições	Abertas para arquitetos de até 40 anos na data da inscrição, regulamentados para atuar junto à municipalidade da versão do concurso para o qual está se inscrevendo

Inscritos/versão	60, em média
Material entregue aos participantes	Edital e regulamento; levantamento cadastral do terreno e da região; dados sobre políticas públicas relacionadas; dados sobre o local e a região; fotos do local e da região; programa de necessidades; mapas e plantas diversos.
Tempo de desenvolvimento das propostas	Cerca de seis meses
Entrega de trabalhos	3 pranchas tamanho A1, contendo obrigatoriamente os projetos para a área urbana e para o edifício
Composição do júri	9 titulares e 2 suplentes (nomes nacionais e internacionais)
Julgamento das propostas	Tem início antes da entrega da proposta, com visitas do júri ao local. A avaliação do trabalho se dá em duas fases, que duram mais seis meses
Construção dos projetos premiados	Até a 6ª versão do European, cerca de 180 projetos foram construídos, e mais de 100 estão em andamento

Esse artigo buscou reunir informações que pudessem auxiliar na avaliação de concursos de arquitetura. Além disso, a especificidade da escolha dos concursos públicos de arquitetura European tornou inevitável o estudo da estrutura dessas competições e, portanto, algumas análises foram feitas objetivando também contribuir para o aprimoramento da prática. É fato que concursos não têm poder, por si mesmos, para transformar de maneira significativa o pensamento arquitetônico; há, porém, potencialidade intrínseca neles, a qual não se efetivará se se seguirem os moldes atuais, que poderiam ser, pouco a pouco, transformados. Afinal, é inegável que a apreensão da arquitetura se dá a partir da experiência acumulada – reflexões e práticas, sempre articuladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTONCIC, R. P. de A. **Domicilio urbano**. Santiago: ARQ, 2006.
- ARONS EN GELAUFF. Disponível em: <<http://www.aronsengelauuff.nl/>>. Acesso em: 01 mai. 2007.
- BORJA, J. Urbanização e centralidade. *In: Os centros das metrópoles: Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 69-73.
- _____. Grandes projetos metropolitanos: mobilidade e centralidade. *In: Os Centros das Metrópoles*. São Paulo: Terceiro Nome, Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado, 2001b. 73-85 p.
- CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- CONCKO, T.; GAUTIER, P. Zaanstad – 253 viviendas/dwellings. **Quaderns** n°. 227. Barcelona, 2000. pp. 60-63.
- CUSVELLER, S. **The Zaanwerf - 253 housing units in Zaanstad**. Athens: Ultimety Books, 2000 (European Implementations) v. 15.
- DWL architectes. Disponível em: <<http://www.dlw-architectes.fr/>>. Acesso em: 23 out. 2007.
- EISENMAN, P. **Culture City** (conferência). *In: 4º Congreso Europeo Sobre Investigación Urbana e Arquitectónica – EURAU*. Madrid, 16-19 jan. 2008.
- EUROPAN. **European 9 Rules** Disponível em: <www.european-europe.com> 2007. Acesso em: 05 nov. 2006.
- EUROPAN EUROPE. Disponível em: <www.european-europe.com> Acesso em: 01 mai. 2007
- EUROPAN FRANCE. Disponível em: <<http://www.archi.fr/EUROPAN-FR/>>. Acesso em: 01 mai. 2007.
- EUROPAN NEDERLAND. Disponível em: <www.european.nl> Acesso em: 01 mai. 2007

- GARCÍA-HERRERA, A. La lozana disciplina. **AV Monografias** n.83. Madrid, 2000. p. 16-28.
- GHIRARDO, D. Y. **Arquitetura contemporânea - Uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HARVEY, D. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HARVEY, D. **Condição pós-moderna**. 14^a ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- IBELINGS, H. KOEKEBAKKER, O. **European 8: European Urbanity and Strategic Projects**. NAI Publishers, 2006.
- JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- KNAAP, G. J. **Smart growth and urbanization in China – Can an American tonic treat the growing pains of Asia?** 2nd Mega-Cities International Conference 2006, Conference Proceedings, Guangzhou, 2006. p. 23-30.
- LOBOS, J. Concurso en Barakaldo **Arq**, Santiago, pp. 44-47, 2002? Acesso em: 03 mai. 2007.
- LOOTSMA, B. Innovación y diferencia – arquitectura y urbanismo holandeses de los noventa. **Arquitectura Viva** n.º. 54. Madrid, 1997. pp. 19-26.
- MEGGELEN, B. V. Foreword in: IBELINGS, H.; KOEKEBAKKER, O. (coord.). **European 8: European Urbanity and Strategic Projects**. Rotterdam: NAI Publishers, 2006. p. 4-7.
- MERINO, D. Nueve más uno – retrato de una generación emergente. **Arquitectura Viva** n.º. 54. Madrid, 1997. p. 32-37.
- MESTRE, J. Conversación con Adriaan Geuze. **Quaderns** n.º. 228. Madrid, 2001. pp. 53-57.
- MORENO, C. D.; GRINDA, E. G. Redefiniendo las Herramientas de la Radicalidad [Una conversación con Winy Mass, Jacob van Rijs y Nathalie de Vries]. **El Croquis** n.º. 111. Madrid, 2002. p. 6-23.
- MOZAS, J.; PER, A. F. **Densidad: Nueva vivienda colectiva**. Vitória-Gasteiz: a+t, 2006.
- NIVET, S. **La ville sur la ville, ou la liberté des espaces contraints: 47 logements et une crèche, rue Rieux – rue Fourré, Nantes**. Athens: Ultimety Books, 2003 (European Implementations) v. 19.
- OOSTERMAN, A. The social recapture of the city. Rotterdam, Uitvegers, 2004 (European Implementations.)
- PER, A. F.; ARPA, J. **Density projects: 36 nuevos conceptos de vivienda colectiva**. Vitória-Gasteiz: a+t, 2007.
- PIERRE GAUTIER architecture. Disponível em: <<http://www.pierregautier.com/>>. Acesso em: 01 mai. 2007.
- PIETERS, D. **Fanciful eruption: 112 housing units, 112 parking spaces, 1.200m² business in Osdorppelein, Amsterdam**. Athens: Ultimety Books, 2003 (European Implementations) v. 18.
- PUCA. **Thème: European** Disponível em: <<http://www.archi.fr/PUCA-CCH>> 2000?. Acesso em: 09 mar. 2007.
- REBOIR, D. Negotiated Ideas. In: REBOIR, D; BONNAT, F. (coord.). **European 1 to 6 Implementations**. Paris, 2006?. pp. 10-13.
- _____. Conversación entre Didier Rebois y Tânia Concko. **Quaderns** n.º. 227. Barcelona, 2000. pp. 64-65.
- _____.; BONNAT, F. (coord.). **European 1 to 6 Implementations**. Paris, 2006?.
- ROSSI, A. **A arquitetura da cidade**. São Paulo: Martins Fontes: 1966.
- SMITH, N. A gentrificação generalizada: De uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia global. In: BIDOU-ZACHARIASEN, C. (coord.). **De volta à cidade: Dos processos de gentrificação às políticas de "revitalização" dos centros urbanos**. São Paulo: Annablume, 2006. p. 59-88.
- UIA – União Internacional dos Arquitetos. Disponível em: <<http://www.uia-architectes.org/>>. Acesso em 12 nov. 2007.

VENTURI, R.; BROWN, D. S.; IZENOUR, S. **Aprendendo com Las Vegas**. São Paulo: Cosac Naify, 1977.

VOS, E. **European 4: constructing the town upon the town - transformation of contemporary urban sites**. Rotterdam: NAI Publishers, 1996.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Conjunto habitacional S-30, em Sevilha, Espanha, premiado em 1996 (European 4) e construído em 1998. (Foto: Júlia Spinelli)

Fig. 2 – Projeto premiado no European 4 para Osdorp, Amsterdã (Holanda), de autoria do escritório Arons en Gellauf. (Foto: Julia Spinelli)

Fig. 3 – Mapa da Europa: em vermelho, os locais das implementações do European até 2003. (Mapa: desenho da autora a partir de REBOIR; BONNAT, 2006?)